



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

Paramídia: a cobertura da TV aberta dos Jogos Paraolímpicos 2016

Guilherme Gustavo Pereira

Florianópolis
Maio 2016

Guilherme Gustavo Pereira

Paramídia: a cobertura da TV aberta dos Jogos Paraolímpicos 2016

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo, do Centro de Comunicação e Expressão, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a aprovação na disciplina Técnicas de Projetos em Comunicação, ministrada pela **Profa. Daiane Bertasso**, no primeiro semestre de 2016.
Orientador indicado: Cárlica Emerim

Florianópolis
Junho 2016

FICHA DO TCC – Trabalho de Conclusão de Curso – JORNALISMO UFSC			
ANO	2016		
ALUNO	Guilherme Gustavo Pereira		
TÍTULO	Paramídia: a cobertura da TV aberta dos Jogos Paraolímpicos 2016		
ORIENTADOR	Cárlida Emerim		
MÍDIA	<input type="checkbox"/>	Impresso	
	<input type="checkbox"/>	Rádio	
	<input checked="" type="checkbox"/>	TV/Vídeo	
	<input type="checkbox"/>	Foto	
	<input type="checkbox"/>	Web site	
	<input type="checkbox"/>	Multimídia	
CATEGORIA	<input type="checkbox"/>	Pesquisa Científica	
	<input type="checkbox"/>	Produto Comunicacional	
	<input type="checkbox"/>	Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	<input checked="" type="checkbox"/>	Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração:
	<input type="checkbox"/>	Reportagem livro-reportagem (<input type="checkbox"/> Florianópolis <input checked="" type="checkbox"/> Brasil <input checked="" type="checkbox"/> Santa Catarina <input type="checkbox"/> Internacional <input type="checkbox"/> Região Sul País: _____
ÁREAS	Jornalismo Esportivo; TV aberta; Paraolimpíadas; Inclusão.		
RESUMO	<p>Este projeto experimental para o trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar a diferença da cobertura da TV aberta dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016. Por meio de uma grande reportagem em vídeo, o trabalho visa também ampliar as discussões sobre o relacionamento da mídia com o paradesporto no Brasil. Nos jogos Olímpicos de Londres, em 2012, os duzentos e cinquenta e dois atletas conquistaram 17 medalhas que foram exaustivamente divulgados. Quatorze dias depois, nos Jogos Paraolímpicos, os competidores brasileiros ganharam 43 medalhas, sendo que as de ouro chegaram a 21. O desempenho dos atletas e paratletas brasileiros foi tratado de maneira diferente pela mídia. Enquanto os jogos Olímpicos eram transmitidos ao vivo e seus resultados eram comemorados ou as derrotas eram criticadas, os paratletas tiveram uma cobertura mínima, apresentando apenas os resultados. Na maior parte de reportagens posteriores aos jogos Paralímpicos de Londres foi demonstrado a superação dos competidores e não sua preparação ou seu alto desempenho naquela competição. Por isso, a grande reportagem tentará mostrar o porquê esse tratamento diferenciado e como os paratletas de alto desempenho se preparam para os próximos jogos.</p>		

EMENTA DO PROJETO

- a. Título do projeto: Paramídia: a cobertura da TV aberta dos Jogos Paraolímpicos 2016
- b. Natureza do projeto: Vídeo documentário
- c. Aluno(s) responsável(is): Guilherme Gustavo Pereira
- d. Suporte do projeto: Vídeo
- e. Instituições envolvidas e equipe: Comitê Paraolímpico Brasileiro, UFSC
- f. Semestre programado para realização: 2016/2
- g. Custos e fontes de financiamento: R\$ 4.000,00 em recursos próprios
- h. Indicação do professor-orientador: Cárlica Emerim

RESUMO

Este projeto experimental para o trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar a diferença da cobertura da TV aberta dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016. Por meio de uma grande reportagem em vídeo, o trabalho visa também ampliar as discussões sobre o relacionamento da mídia com o paradesporto no Brasil. Nos jogos Olímpicos de Londres, em 2012, os duzentos e cinquenta e dois atletas conquistaram 17 medalhas que foram exaustivamente divulgados. Quatorze dias depois, nos Jogos Paraolímpicos, os competidores brasileiros ganharam 43 medalhas, sendo que as de ouro chegaram a 21. O desempenho dos atletas e paratletas brasileiros foi tratado de maneira diferente pela mídia. Enquanto os jogos Olímpicos eram transmitidos ao vivo e seus resultados eram comemorados ou as derrotas eram criticadas, os paratletas tiveram uma cobertura mínima, apresentando apenas os resultados. Na maior parte de reportagens posteriores aos jogos Paraolímpicos de Londres foi demonstrado a superação dos competidores e não sua preparação ou seu alto desempenho naquela competição. Por isso, a grande reportagem tentará mostrar o porquê esse tratamento diferenciado e como os paratletas de alto desempenho se preparam para os próximos jogos.

Palavras-chave: Paraolimpíadas; TV Aberta; Rio 2016; Mídia; Jornalismo Esportivo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
1.1 Justificativa	09
1.2 Objetivos.....	10
1.2.1 Objetivo Geral	10
1.2.2 Objetivos Específicos	10
2. DESCRIÇÃO	11
3. DESENVOLVIMENTO.....	13
4. CRONOGRAMA.....	14
5. ORÇAMENTO	15
6. FINALIDADES.....	16
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	17
8. BIBLIOGRAFIA	18
ANEXO A – Termo de Aceite do orientador	19
ANEXO B – Termo de Autorização de Uso do Laboratório	20

1. INTRODUÇÃO

Os Jogos Paraolímpicos tiveram origem na cidade de *Stoke Mandeville*, na Inglaterra, em 1948. Neste ano, foi organizado uma competição com o objetivo de reabilitar soldados que participaram da Segunda Guerra Mundial. O evento era realizado a cada ano até que em 1952, os Países Baixos aderiram aos jogos e a competição se tornou internacional. Em um primeiro momento, a competição era chamada Jogos Internacionais de *Stoke Mandeville* e sua primeira edição foi realizada em Roma (a cidade também sediaria os Jogos Olímpicos de 1960). Na Itália, participaram 400 atletas de 23 países que disputavam provas exclusivas para usuários de cadeiras de roda. Foi a partir de 1964, nos Jogos de Tóquio, que a imprensa começou a usar o termo Paraolimpíada, principalmente quando o evento ocorria em paralelo com os Jogos Olímpicos. Mas a partir de 1968 as sedes não foram as mesmas, por duas justificativas: a Cidade do México alegou problemas financeiros para a adaptação dos Jogos e Munique desistiu da ideia de organizar a competição por causa da falta de acessibilidade na Vila Olímpica. O grande marco para o Jogos Paraolímpicos foi quando a cidade de Seul, na Coreia do Sul, sediou a competição, em 1988. Neste ano, pela primeira vez os comitês organizadores dos dois eventos trabalharam juntos. Por isso, os Jogos de Seul são considerados um marco no movimento paraolímpico mundial. Novas deficiências foram adicionadas e o programa foi expandido para dezessete esportes, que passaram a ter um sistema de classificação por tipo e grau de deficiência¹.

Com esse aumento de esportes durante os Jogos, o interesse da mídia aumentou, mas a nada significativo quanto em 2000, em Sydney. Na Austrália, disputaram os jogos 3.824 atletas, em 16 modalidades e resultaram em mais de 100 horas de gravação de imagens. Os profissionais credenciados para a cobertura foram 2.300, enquanto nas Olimpíadas, 16.033 jornalistas foram à Sydney. Em Atenas, 2004, foram 3.000 e em Pequim, 2008, foram 4 mil credenciais de imprensa cedidas. Já na última Paraolimpíada, em Londres 2012, esse número chegou a 7.000 profissionais, de acordo com dados do Comitê Paraolímpico Internacional².

Um dos fatores que contribuíram para esse interesse midiático foi o alto rendimento dos atletas durante as competições. A evolução e a quantidade de medalhas conquistadas no Brasil, por exemplo, mostram que houve uma mudança nas coberturas da imprensa, não em relação aos Jogos Olímpicos, mas ao espaço dado ao paradesporto. Com a conquista do primeiro lugar geral no Parapanamericano do Rio de Janeiro, em 2007, que o paradesporto ganhou espaço na mídia, com investimentos em empresas de divulgação, produtoras e até outros patrocinadores, como a estatal Caixa Econômica Federal.

Mesmo com o aumento da divulgação e do financiamento, o paradesporto ainda é tratado de uma maneira diferente em relação aos Jogos Olímpicos. Um exemplo foi a última cobertura, em 2012. A detentora dos direitos televisivos no Brasil, a Rede Record, priorizou os Jogos Olímpicos e seus resultados: duzentos e cinquenta e dois atletas conquistaram 17 medalhas. Enquanto a Rede Globo, quatorze dias depois, criou programas como “Momento Paraolímpico” e “Corujão do Esporte” (que passavam durante a madrugada) dando espaço para Jogos Paraolímpicos. Porém, o desempenho dos atletas e paratletas brasileiros foi tratado de maneira diferente. Enquanto os Jogos Olímpicos eram transmitidos ao vivo e seus resultados eram comemorados ou as derrotas eram criticadas, os paratletas tiveram uma cobertura mínima, apresentando apenas os resultados.

¹ Comitê Paralímpico Brasileiro, <www.cpg.org.br> (acessado 16/06/2016)

² Portal Uol <www.uol.com.br/olimpiadas> (acessado 15/06/2016)

1.1. Justificativa

Um dos pilares do jornalismo é mostrar e divulgar aquilo que é fundamental para a sociedade. Nesse requisito, o trabalho tenta analisar o tratamento das pessoas com necessidades especiais, tema atual tanto para o Brasil quanto para o mundo. Esse egresso de pessoas que antigamente não eram bem quistas socialmente é algo a ser publicado e divulgado efusivamente. Porém, esse tipo de inclusão pode ser feita por meio de estereótipos e preconceitos, principalmente na mídia e no jornalismo.

(...)Os valores/notícia são a qualidade dos eventos ou da sua construção jornalística, cuja ausência ou presença relativa os indica para a inclusão num produto informativo.” (Golding e Elliot apud WOLF: 203).

E é nesses termos que o jornalismo se apoia para construir uma narrativa em torno dessas pessoas. Talvez, podemos concluir que se essa linguagem – que é muito usada – seja uma fórmula de sucesso para uma sociedade que ainda não sabe lidar com essas pessoas. Outro fator que se pode concluir é que por meio desses discursos de superação – lado dos paratletas – que os indivíduos se sentem superiores.

Neste sentido, o projeto tentará responder o porquê a mídia, mais precisamente a TV aberta, muda tanto o seu discurso e abordagem quando as pessoas com necessidades especiais são assunto. Enquanto os atletas são idolatrados, as vitórias ou a participação em competições dos paratletas são sinônimos de apenas superação de vida.

1.2.Objetivos

1.2.1. Objetivo Geral

O trabalho visa analisar as abordagens da Rede Globo e Rede Record de televisão realizadas durante os Jogos Paraolímpicos 2016 em relação ao desempenho dos atletas durante a competição.

1.2.2. Objetivos Específicos

Na grande maioria das reportagens publicadas na TV aberta após os jogos Paraolímpicos de Londres foi demonstrada a superação dos competidores e não sua preparação ou seu alto desempenho naquela competição. Por isso, a grande reportagem tentará mostrar a preparação dos atletas, por meio de suas participações em competições e seus treinos com seus treinadores. O desempenho do paratletas durante os Jogos Paraolímpicos também será monitorada através da cobertura midiática, bem como as imagens que serão feitas pelas TVs analisadas durante a competição.

2. DESCRIÇÃO

O projeto terá algumas fases e possibilidades e seu formato será documentário em vídeo. Antes da fase de produção, já haverá o contato e a entrevista com fontes e pesquisas pré-acessadas.

Em um primeiro momento, haverá a tentativa de ter acesso às dependências de imprensa da competição em questão: Paraolimpíadas. Caso haja essa liberação por parte da organização, as fontes serão entrevistadas antes e depois das provas no período de competição. Aqui, as entrevistas seriam realizadas com atletas e também com profissionais que estarão trabalhando na cobertura dos Jogos.

Outra alternativa será cobrir o período de treinamentos dos atletas durante a preparação para os jogos. Todos os competidores irão se concentrar no Centro Paraolímpico, na cidade de São Paulo, e lá farão treinos para a competição. No local, poderia realizar a produção de imagens e, principalmente, entrevistar os atletas. Ou até outras fontes, como seus técnicos poderiam se tornar fontes interessantes, já que o trabalho trata da abordagem midiática sobre o paradesporto.

Essas duas possibilidades estão condicionadas à autorização das instituições responsáveis, tanto Comitê Internacional quanto Comitê Brasileiro Paraolímpico. Por isso, a respostas da organização do evento será necessária para traçar um cronograma.

A última alternativa possível é a de não acompanhar as principais fontes durante os Jogos e/ou a fase de preparação “oficial”. Nessa alternativa do projeto, os atletas seriam entrevistados com antecedência e, possivelmente, em treinamentos onde residem. As imagens seriam feitas um mês antes da realização dos jogos, visto que, os atletas se concentram para os treinamentos “oficiais” em São Paulo.

As fontes serão apresentadas por meio de um documentário em formato de vídeo. A produção das imagens de cobertura seriam realizadas durante seus treinamentos, além do uso de outras fontes como a produtora do Comitê Paraolímpico. Também serão usadas as imagens das redes de televisão que serão analisadas durante as Paraolimpíadas.

O principal critério para a escolha de fontes é a proximidade, levando em conta os “valores da notícia”.

“Os valores-notícia são usados de duas maneiras. São critérios para selecionar, do material disponível para a redação, os elementos dignos de serem incluídos no produto final. Em segundo lugar, eles funcionam como linhas-guia para a

apresentação do material, sugerindo o que deve ser enfatizado, o que deve ser omitido, onde dar prioridade na preparação das notícias a serem apresentadas ao público''.” (Golding e Elliot apud WOLF: 203).

Duas paratletas que treinam e moram em Santa Catarina já se disponibilizaram a participar do documentário. Na modalidade do remo, a paratleta Josiane Lima, de Florianópolis e a paratletista, Shiela Finder, em Joinville. Outros atletas serão procurados para se ter outras visões e opiniões sobre a mídia. Há a previsão de usar também um especialista em esporte na mídia, em algum laboratório como o Labmídia da Universidade.

3. DESENVOLVIMENTO

O trabalho será planejado a partir das datas importantes de preparação dos atletas e os Jogos Paraolímpicos de 2016. Antes dessas datas, será feita uma pesquisa de fontes e de bibliografia para as principais etapas.

Ao desenvolver o trabalho serão procuradas fontes que se encaixem nos critérios de noticiabilidade que foi visto durante a carreira acadêmica no curso de Jornalismo. Os entrevistados(as) devem ser pessoas que morem ou são naturais de Santa Catarina e/ou Florianópolis. De acordo com Alsina (1995 : 105), embora considerando outros fatores como os efeitos psicológicos de identificação, implicação afetiva, etc., a proximidade geográfica de fato supõe uma maior implicação, para o centro de si mesma, que diminui a medida que se agiganta o círculo. Por isso, a escolha de atletas que estejam se preparando no Estado ou que são naturais de Santa Catarina e que se mudaram para treinar em outras localidades.

Após as duas pesquisas - bibliográficas e de fontes – o trabalho segue para a etapa prática. A partir desse momento haverá a produção de um roteiro de perguntas e, na sequência, a gravação das entrevistas com as fontes. Vale salientar que tentará coincidir a entrevista com algum momento de preparação dos atletas e assim, poderá ser gravado imagens de cobertura para serem usadas durante o documentário. A previsão é que essa etapa não chegue ao mês de agosto, visto que, os atletas estarão concentrados a partir da segunda metade desse mês. Então, as primeiras entrevistas e imagens coberturas devem estar prontas, a princípio, até o final de agosto.

No momento em que os Jogos Paraolímpicos começarem, a pesquisa e produção serão realizado em casa, literalmente. Será feita a gravação de tudo o que passar sobre os Jogos nas emissoras de TVs estipuladas. Além da gravação via TV e/ou computador, haverá uma busca nos materiais que ficarão disponibilizados na internet, por meio de canais oficiais das emissoras, como por exemplo site da RBS TV. Com isso, não se corre o risco de ter problemas com direitos autorais.

Depois do período dos Jogos, será feita a edição das imagens, tanto das entrevistas quanto das gravações das programações das TVs abertas. Pela experiência em edição do autor, será reservado os últimos dois meses para a realização do trabalho.

Todo o trabalho terá a ajuda de amigos com maior experiência na captura de imagens, ele terão a função unicamente de ser ‘a segunda câmera’. Com isso, o orçamento para esse documentário será duplicado em caso de viagens e suas despesas.

4. CRONOGRAMA

	2016							
	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Entrega versão preliminar do projeto de TCC	X							
Pesquisa Bibliográfica	X	x	X					
Pesquisa de Fontes	X	x	X	X				
Entrega Projeto TCC		x						
Entrevistas/Apuração		x	X		X			
Apuração/gravação da cobertura dos Jogos Paraolímpicos				X	X			
Edição					X	X		
Depósito das cópias do TCC para banca							x	
Defesa final								x

5. ORÇAMENTO

O vídeo documentário está orçado em R\$ 4.000,00. Esse valor leva em conta as possíveis viagens que serão necessárias para a realização desse projeto. O custo é baseado em duas viagens uma para o Centro de Treinamento Paraolímpico, em São Paulo ou para acompanhar os Jogos no Rio de Janeiro. Esse valor leva em conta a passagens de aviação e hospedagem para duas pessoas, um como cinegrafista “central” e o outro como a segunda câmera.

Na parte dos equipamentos, eles serão emprestados dos Laboratórios de Telejornalismo e Fotojornalismo da UFSC. Além desses equipamentos “alocados” do curso, haverá o auxílio de colegas, cada um com seus equipamentos, durante a produção de imagens.

Tendo em vista a tabela do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina, deve-se orçar as horas de edição, captação e finalização do documentário em vídeo. Cobra-se R\$ 300,00, que podem variar, por hora trabalhada e ainda não há como estipular quantas horas totais serão necessárias para finalizar esse trabalho.

6. FINALIDADES

A opinião pública e o jornalismo estão intrinsecamente ligados desde os primeiros momentos da sociedade. A visão, normalmente, abordada pela mídia faz com muitas pessoas levem aquilo como um lema ou como único lado certo. Sobre isso, a Teoria do Agendamento pode explicar:

"(...)em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que o mass media incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende aquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos mass media aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas." Donald Shaw, 1979

A partir disso, o documentário tentará fazer uma desconstrução estereotipada que se tem dos atletas com necessidades especiais. Com isso, não se pode abrir mão de uma autocritica tanto para o jornalista como para a área social. Por meio desse vídeo documentário, pode-se propor uma crítica na linguagem e a abordagem para as pessoas que não têm grande visibilidade na mídia em geral. Assim o documentário tentará fazer uma análise profunda sobre as razões de não se dar atenção para determinadas pessoas, como os paratletas com igual ou melhor rendimento que os atletas.

Como o trabalho tenta ser um dos primeiros a fazer uma análise demonstrativa da cobertura dos Jogos Paraolímpicos 2016 feita pelas TVs abertas no Brasil, uma nova maneira de fazer jornalismo esportivo estará exposta durante o documentário. Não só na maneira narrativa, mas também na abordagem que se pode dar aos atletas apresentados ao longo do trabalho.

"Mas, para transmitir o desenvolvimento e o resultado de uma atividade física estão os meios de comunicação, através de seus especialistas: os jornalistas esportivos, quem devem estar conscientes que os meios constituem uma escola paralela que não só transmite uma atividade e um resultado, mas sim, ao mesmo tempo, ensina." (Castro, 1995. p.56)

Além disso, o documentário em vídeo tenta mostrar a maneira que os paratletas gostariam ser tratados pelos jornalistas. A partir disso, tentar montar uma narrativa "correta" para o jornalismo e no tratamento desse segmento esportivo.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Antonio Teixeira; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **A elaboração do projeto de pesquisa**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

OLIVEIRA NETTO, Alvim Antônio de. **Metodologia da pesquisa científica**: guia prático para a apresentação de trabalhos acadêmicos. 2.ed. Florianópolis: Visual Books, 2006.

SANTAELLA, Lucia. **O projeto de pesquisa e seus passos**. In: SANTAELLA, Lucia. Comunicação e Pesquisa. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

8. BIBLIOGRAFIA

ASSIS, Joana de. **Para-heróis**. Caxias do Sul, RS: Belas-Letras, 2014.

ALSINA, Rodrigo. **Los modelos de la comunicación**. Editorial Tecnos, Madrid, 1995.

BERNARD, Sheila Curran. **Documentário**. São Paulo: Campus, 2008.

BOURDIEU, Pierre. Os Jogos Olímpicos. In: **SOBRE A televisão: a influência do jornalismo**.

BORELLI, Viviane; NETO, Antonio Fausto. **Cobertura midiática de acontecimentos esportivos: uma breve reflexão**. Disponível em:
<http://cev.ucb.br/cbce/gtt/esportemidia/xii/cobertura.htm>

BRASIL PARAOLÍMPICO. **Parapan-americano Rio 2007**. Brasília, n. 13, novembro de 2004. Ano VIII. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1997.

CAMBRUZZI, Giselda Maria Atzler Stopilha. **O discurso da mídia sobre a cobertura das paraolimpíadas de Pequim 2008 e a inclusão de pessoas com deficiência**. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina/ Centro de Educação a Distância, 2011. Disponível em < <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2013/10/Giselda-Maria-Atzler-Stopilha-Cambruzzi.pdf> >

CASTRO, Luis. **Comunicación deficiente, deporte deficiente?**. Quito: Ciespal, n. 51, p.56-57. Júlio 1995.

CARRAVETTA, Elio Salvador. **O esporte Olímpico: um novo paradigma de relações sociais e pedagógicas**. Porto Alegre: Universidade / UFRS, 1997.

COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO. **PARAOLIMPÍADAS na mídia**. Disponível em:<www.cpb.org.br>

CRESPO, Ana Maria Morales. **Inclusão social: pessoas com deficiência e a construção da cidadania**. São Paulo, 2006.

FIGUEIREDO, Tatiane Hilgemberg. **Olimpíadas e Paraolimpíada: Uma correlação com a mídia**. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora/ Faculdade de Comunicação Social. Disponível em < <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/90923980742584942862936767243914154873.pdf> >

HAENDCHEN, Daniella. **Deficiência: assunto fora da pauta**, 2004. Disponível Em: <www.cehcom.univali.br/monitordemidia/paginas/artigo/daniela.pdf>.

LABAKI, Amir. **Introdução ao documentário brasileiro**. Rio de Janeiro: Francis, 2006.

LINHARES, Marcos. **Nos bastidores do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Celebris, 2006. (NDBU)

McCOMBS, Maxwell E.; SHAW, Donald L. **A função do agendamento dos media**, 1972 In: TRAQUINA, Nelson. **O Poder do Jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento**. Coimbra: Minerva, 2000.

NOGUEIRA, Armando (LANCE). **Manual de Redação e Estilo**. São Paulo: Lance, 2008. (NDBU)

PIRES, Giovani De Lorenzi; RIBEIRO, Sérgio Dorenski Dantas. **Pesquisa em educação física e mídia**: contribuições do LaboMídia/UFSC. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2010.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de Documentário**. Rio de Janeiro: Papyrus, 2009.

TEIXEIRA, Francisco Elinaldo. **Documentário no Brasil**. São Paulo: Summus, 2004.

VILAS BOAS, Sérgio. **Formação e Informação Esportiva**. Rio de Janeiro: Summus, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes: 2003.